

# A TRIBUNA

29 Caderno  
Não pode ser vendido separadamente

Vitória,  
domingo, 26 de junho de 1977

## Uma lenda de muito amor

segundo os habitantes do lugar, explica a sobrevivência estrangeira, no tipo de população regional. Um, porém, desgarrou-se do grupo, antes dos esponsais. Errou, errou... Até que, empolgado pelo cenário belíssimo de uma angra, na sua praia, deteve-se deslumbrado!

Esquecera-se do itinerário percorrido.

— Como regressar à taba hospitaleira?

Caía a noite, e o flamengo, atemorizado, procurava resistir ao sono, quando o surpreendeu a visão de uma formosa mulher, que emergia das ondas, envolta em sedosa cabeleira, que refletia todo o luar.

Vencida a emoção, o jovem convidou-a a sentar-se, na areia, ao seu lado. Mas, em evoluções graciosas, ela se aproximava e se afastava. Ora, estendia-lhe os braços; ora, mergulhava, para reaparecer, mais atraente e bela.

— Porque não dormes? — perguntou-lhe a visão.

— Perdi o sono.

— Vais recuperá-lo. — E começou a modular suavíssimo acalanto.

Ao romper da aurora, o jovem desperta, embalado ainda, pela recordação do que se passara. Olha, em volta, e se lhe depara, num oco de sapucaia, um enxame que se alava, em busca de provisões de polem. Então, socou uma das folhas de pau-d'aiho, como aprendera dos índios, untou as mãos e o rosto, a fim de que, pelo cheiro, as operárias se afastassem. Colheu alguns favos que o deliciaram.

Fez uma palhoça.

Ali ficaria, até que decifrasse o enigma da visão noturna.

O Teatro da Barra, que montou no ano passado a peça Anchieta: Depoimento, está anunciando a estréia da peça infanto-juvenil A Sereia de Meaípe de Bob Depaula. A direção é de Bob Depaula e Alcione Dias.

A peça, que agrada tanto às crianças como aos adultos, é sobre uma sereia que se apaixona por um naufrago que fora adotado pelos índios goitacazes, e mistura elementos da história e do folclore do Espírito Santo, preocupação constante do Grupo da Barra. Teatro feito por Capixaba, sobre temas Capixabas e para o público Capixaba.

Aguardem a estréia para este mês.

Ansioso, aguardou que as trevas caíssem e, no céu, pontilhassem as primeiras estrelas.

Longe, eis que surge o vulto escultural.

— Ela!... pensou o flamengo.

Ela, sim, volteava, graciosa, à distância.

A pesquisar, instintivamente, o motivo do afastamento, o jovem relanceia um olhar pelo sítio e descobre, na tranquilidade da água, duas tochas fixas.

Não tremeluziam, como vagalumes, nem ondulavam, como a faixa do luar, estirado na água. Misteriosos, pareciam devorá-lo!

Ao pio da coruja, logo sucedeu o anúncio do bacurau: — Amanhã, eu vou! Amanhã, eu vou!...

Enleado, atônito, o flamengo sente se arrastar para as franjas da praia. Vai, vai, magnetizado pela fixidez daqueles olhos, em ignição, enquanto a mãe-d'água, faminta, se enroscava ao seu corpo jovem e forte. Ignorava, porém, que se abrasava o coração, pela chama do Amor. Não poderia ser devorado, porque se prendera à melodia da voz e à beleza helênica de uma sereia!

Para vingar-se, então, da própria derrota, a mãe-d'água arrasta-se até o meio do lago e invoca Tupã que o transforme em pedra.

Desde essa noite, quando as trevas descem à Terra, cintilam as estrelas e as aves noturnas emitem os seus lamentos, vem a Sereia de Meaípe cantar a melodia da Saudade, sobre o monumento de seu Amor! (Extraído do livro de Maria Stella de Novaes, "Lendas do Espírito Santo").